

O USO DAS MÍDIAS NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DIDÁTICO NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS DE ESCOLAS PÚBLICAS

Odenirce da Costa Rodrigues Oliveira
nicer.rv@hotmail.com

Rosileide Lima da Silva
rosileide_lescano@hotmail.com

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
PIBAP¹ – UEMS

Resumo

Este apresenta o resultado da revisão de literatura que trata o uso das mídias na organização do trabalho didático na alfabetização, desenvolvida como parte da pesquisa empreendida no Mestrado Profissional pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). O foco principal do estudo é análise e reflexão, através do método da Ciência da História, de quatro grandes obras que serão referência na continuidade da pesquisa: FERREIRO (1999); SOARES (2018); GONTIJO (2014) e COSCARELLI (2016). Como as crianças apropriam da aprendizagem de leitura e escrita na escola contemporânea? Esta e outras questões nortearam este estudo, constatando, que as mídias tem sido um aliado inovador neste processo, por possibilitar que a criança construa e reinvente suas aprendizagens no atual momento histórico.

Palavras-chave: Alfabetização, organização do trabalho didático, mídias digitais.

Introdução

Este trabalho apresenta o resultado da revisão de literatura sobre o uso das mídias na organização do trabalho didático na alfabetização de crianças em escola pública brasileira contemporânea. A preocupação principal do estudo foi realizar um levantamento da produção científica que, de alguma forma, pudessem servir de fundamentação e de contraponto às discussões que permeiam a pesquisa em andamento no curso de mestrado em educação na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), que versa sobre a temática O uso das mídias na organização do trabalho didático na alfabetização em uma escola pública do município de Rio Verde de Mato Grosso/MS “no período de 2010-2018”.

O interesse pela referida temática suscitou enquanto as autoras vivenciam momentos desafiadores como professora alfabetizadora frente a uma sala com alunos que exigem novas

¹ Programa Institucional de Bolsas aos Alunos de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (PIBAP/UEMS) tem como finalidade propiciar auxílio financeiro aos alunos regularmente matriculados nos programas stricto sensu, para o desenvolvimento de suas atividades.

técnicas de aprendizagens. Diante do atual cenário educacional brasileiro e mazelas que perpetuam a alfabetização, suscita o interesse de realizar uma pesquisa que possa contribuir com o processo da alfabetização não apenas em nossa prática enquanto professoras dos anos iniciais, mas também com a instituição na qual será lócus da pesquisa.

Como professoras há alguns anos na alfabetização vimos acompanhando mudanças e reformas educacionais pautadas no interesse de sanar o fracasso escolar na alfabetização, alarmados nas avaliações externas. Mas, o que se percebe é uma panaceia de políticas descontextualizadas.

Diante do panorama que se encontra o ensino e a aprendizagem da leitura e escrita, é necessário pensar e conscientizar de que este fracasso na alfabetização tem preconizado a escola pública e atingido exclusivamente crianças provenientes de classes de famílias trabalhadoras, já de classe dominante, as crianças aprendem a ler e escrever no primeiro ano do ensino fundamental, exceto as que apresentam alguma patologia que fazem com que levem mais tempo para dominarem o processo de alfabetização.

Com objetivo de pesquisar a organização do trabalho didático na alfabetização desta escola, bem como todos os aspectos que envolvem essa organização segundo Alves (2005): relação educativa (Como acontecem as relações entre educador/alunos?); a mediação de recursos didáticos (quais os recursos utilizados nas salas de alfabetização?); e o espaço físico (Como é o espaço onde ocorrem as aprendizagens?), realizou-se um levantamento de produções científicas em sítios de universidades, e-books e documentos (Resultados da Avaliação Nacional de Alfabetização – ANA), no entanto, para esta revisão de literatura selecionou-se quatro grandes obras que serão analisadas com aprofundamento e apropriação dos conhecimentos que nortearão a trajetória da pesquisa: FERREIRO (1999), SOARES (2018), GONTIJO (2014) e COSCARELLI (2016). Na análise do material selecionado para estudo foram priorizados alguns aspectos: Recursos tecnológicos, as mídias na alfabetização e a organização do trabalho didático na rede pública de ensino. A pesquisa terá caráter bibliográfico nestas obras com análise numa perspectiva no método da história.

Partindo de pressupostos teóricos na tentativa de atingir os objetivos do referido trabalho a sustentação e fundamentação se ancorará nos principais teóricos que trazem ricas e necessárias contribuições no âmbito do objeto desta pesquisa, conforme apresentados no seguinte quadro.

Quadro 1. Livros selecionados para estudos e análise sobre a temática em estudo.

Nº	Autor/a/es	Título da Obra	Local/Editora	Ano
1	FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana.	A psicogênese da língua escrita.	Porto Alegre: Artmed	1999
2	SOARES, Magda.	Alfabetização: a questão dos métodos.	São Paulo: Contexto	2018
3	GONTIJO, Cláudia Maria Mendes.	Alfabetização: políticas mundiais e movimentos nacionais. (Coleção educação contemporânea)	Campinas, SP: Autores Associados.	2014
4	COSCARELLI, Carla Viana.	Tecnologias para aprender	São Paulo: Parábola Editorial	2016

Quadro elaborado pelas autoras/2018

Ferreiro e Teberosky em um marco divisor na história alfabetização

Ao se tratar de alfabetização, Ferreiro, autora renomada e reconhecida mundialmente, será reconhecida nesta pesquisa por apresentar estudos que revolucionou a alfabetização com seus mecanismos cognitivos que desenvolveram para levar crianças a ler e escrever e aos professores, possibilidades de repensar seus métodos de ensino. Pode se dizer que a história da alfabetização tem duas faces: Antes e Depois de Ferreiro.

Ferreiro e Tebosky (1999) em sua obra “Psicogênese da Língua Escrita” trazem ideias expressas que impactaram a educação brasileira, uma espécie de marco divisor na história da alfabetização. Uma obra que revolucionou a alfabetização brasileira por mostrar que existe uma nova maneira de considerar o problema de um número significativo de crianças, o fracasso nos primeiros anos de alfabetização. E, por mostrarem suas intenções de utilizar o marco conceitual da psicologia genética para elaborar suas próprias hipóteses, observa-se, uma prova reiterada

da pertinência e fecundidade da teoria de Piaget para compreender os processos de aquisição de conhecimentos num terreno não tão explorado por Piaget.

Neste livro, as autoras tentam uma explicação dos processos e das formas com as quais a criança consegue ler e escrever. E relatam que entendem por processo o caminho que a criança deverá percorrer para compreender as características, o valor e função da escrita, desde que esta, se constitui no objeto da sua atenção, e esclarecem:

[...] não pretendemos propor nem uma nova metodologia da aprendizagem nem uma nova classificação dos transtornos da aprendizagem. Nosso objetivo é de apresentar a interpretação do processo do ponto de vista do sujeito que aprende, tendo, tal interpretação, seu embasamento nos dados obtidos no decorrer de dois anos de trabalho experimental com crianças entre quatro e seis anos. Tampouco faremos uma análise profunda da situação educacional na América Latina. Entretanto, o jogo de influências de fatores metodológicos e sociais está presente ao longo de todo desenvolvimento deste livro. (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999, p. 17).

Logo mais, as autoras procuram explicitar a situação educacional na América Latina, destacando o quadro alarmante de analfabetismo. Esta preocupação, que ocupou espaço privilegiado nos debates educacionais da década de 1970 e tendo como base os dados estatísticos fornecidos pelos organismos internacionais como a UNESCO². As pesquisadoras assinalam que a situação exigia uma ação efetiva do Estado no sentido de fazer valer o Artigo 26 - Direito à Educação, da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), que visava garantir educação para todos os indivíduos (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p. 19).

Enfatizam que, foi graças à teoria de Piaget que puderam tentar uma aproximação diferente a um tema que mereceu uma literatura por demais abundante, que puderam descobrir um sujeito que reinventa a escrita para fazê-la sua, um processo de construção efetivo e uma originalidade nas concepções que os adultos ignoravam. E neste relato, acrescentam:

Utilizar a teoria de Piaget num novo campo é uma aventura intelectual apaixonante. Não se trata simplesmente de empregar as “provas piagetianas” para estabelecer novas correlações, mas sim de utilizar os esquemas assimiladores que a teoria nos permite construir para descobrir novas observáveis. A partir daqui, fica aberta uma nova possibilidade: a de construir uma teoria psicogenética da aquisição da língua escrita. (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999, p. 296).

Sob esse enfoque, revelam que apesar das variedades de enfoques neste terreno da alfabetização, pensaram sempre que não podia haver aprendizagem sem um ensino específico, e que a contribuição do sujeito é considerada como dependente e subsidiária do método de ensino, descobriram assim, uma linha evolutiva que passa por conflitos cognitivos semelhantes

²Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

até nos detalhes do processo, aos conflitos cognitivos constitutivos de outras noções fundamentais.

Constata-se ainda nesta obra que, trata da escrita como um objeto particular, o qual participa das propriedades da linguagem enquanto objeto social, mas que este, possui uma consistência e uma permanência que a linguagem oral ignora. E nesta concepção, as autoras pontuam:

[...] É precisamente esta característica de objetividade, esta existência que se prolonga mais além do ato de emissão, que permite a criança realizar, com respeito à escrita, uma série de ações específicas próximas às que realizam a respeito de um objeto físico. A escrita tem uma série de propriedades que podem ser observadas atuando sobre ela, sem mais intermediários que as capacidades cognitivas e linguísticas do sujeito. (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999, p. 296).

Sob esse enfoque e de que também, existem outras propriedades que não podem ser lidas diretamente sobre o objeto, e sim, através das ações que outros realizam com esse objeto, afirmam que a mediação social é imprescindível para compreender algumas de suas propriedades.

Afirmam que através da escrita enquanto objeto de conhecimento, podem talvez, se aproximarem da psicogênese do conhecimento dos objetos socioculturais.

O fator bastante interessante e revelador encontrado no trabalho dessas autoras é o que Vygotsky já havia assinalado: “Uma tarefa prioritária da investigação científica é desvendar a pré-história da linguagem escrita na criança, mostrando o que é que conduz a escrita, quais são os pontos importantes por que passa este desenvolvimento pré-histórico, e qual é a relação entre esse processo e a aprendizagem escolar.” (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999, p. 297).

E dando continuidade na apresentação dos estudos, o próximo tópico contribuirá no foco da alfabetização agregando outros aspectos como as políticas na alfabetização.

A abordagem de Gontijo nas questões político-pedagógicas: rumos da alfabetização infantil na atualidade

Gontijo (2014) vem contribuir com sua obra “Alfabetização: políticas mundiais e movimentos nacionais” utilizando documentos de órgão internacionais, de inúmeros documentos das políticas e programas nacionais, além dos dados sobre testes de avaliação da alfabetização por meio da provinha Brasil, e com isso faz desta obra extremamente útil, especialmente, para professores compreenderem o percurso que estão sendo obrigados a percorrer com seus alunos. Neste livro a autora debate levantando questões para o discurso

hegemônico abrindo vários horizontes de possibilidades, enfim, uma aplausível obra que explicita os retrocessos transvestidos de palavras e conceitos novos.

Gontijo (2014) organizou seu livro em partes: na primeira, discute a centralidade da alfabetização nas orientações dos órgãos internacionais, assinalando o foco na alfabetização de crianças e também evidenciando o conceito de alfabetização que norteia as orientações internacionais. Na segunda, ela analisa os movimentos políticos e da academia iniciados em 2003, objetivando busca de “inovação” da alfabetização no Brasil, tendo vista o baixo desempenho em leitura e escrita, alarmada pelos sistemas de avaliação em larga escala. Na terceira, examina os programas implementados pelo Ministério da Educação (MEC) na busca pela melhoria da educação e consequentemente da educação infantil. Na quarta e última, tece algumas considerações sobre as análises construídas.

Em síntese, Gontijo (2014) possibilita nesta obra, reflexões acerca da alfabetização no Brasil, de como está e de um dia vir a ser, plena, contribuindo para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária. E nesse sentido, suas análises e críticas apresentadas demonstram estar imbuídas da responsabilidade e compromisso que a autora tem com os rumos da alfabetização.

Em uma de suas falas, bastante pertinente por explicitar sua ideologia é:

[...] acredito que as crianças precisam aprender a fazer uso da leitura e da escrita em práticas sociais que requerem a utilização desses conhecimentos. Porém, esse aspecto não pode subsumir a dimensão e o caráter político da alfabetização. Não vivemos em uma sociedade justa e verdadeiramente democrática. Por isso mesmo, a educação escolar e a alfabetização não podem se reduzir a formar indivíduos adaptados às leis do mercado e, portanto, capazes de responder às demandas sociais. (GONTIJO, 2014, p. 132)

E conclui revelando que as transformações sociais, que ocorrem na sociedade de forma lenta e arduosa, têm seu princípio na procura de um ensino que auxilia no desenvolvimento da consciência fonológica como criação e conhecimento.

Soares: a alfabetização num caráter multifacetado

Paralelamente com Ferreiro e Gontijo, foi estudada a obra da Soares (2018) “Alfabetização: A questão dos Métodos” (fruto de décadas de reflexões sobre a escola pública) que também trata da Alfabetização, mas levando em consideração o caráter multifacetado, ou seja, o processo todo, porém compreendendo cada uma de suas partes, individualmente. Esta estudiosa e pesquisadora da alfabetização abordam vários pensadores e teóricos da área, mostrando a possibilidade de articulação entre teorias e resultados de pesquisa de vários campos

do conhecimento sobre a alfabetização e ainda discorre sobre a aprendizagem da língua escrita em diferentes ortografias e na ortografia do português brasileiro, sobre as práticas de leitura e escrita.

Soares (2018) enfatiza que o trabalho de alfabetização não envolve somente método, e que, inserido no campo da educação escolar, a aprendizagem inicial da língua escrita sofre a influência dos fatores (sociais, culturais, econômicos e políticos) que condicionam e podem até mesmo determinar esse campo.

E essa obra, indubitavelmente, é extraordinária na questão da Alfabetização porque nela, percebem-se discussões com propriedade de uma autora que fala de um terreno não próximo, mas de dentro dele, do terreno ao qual atua até os dias atuais, no chão da escola. Nesse sentido é relevante ressaltar o relato da autora na apresentação de seu livro:

[...] sentindo que era necessário articular teorias e práticas, busquei o caminho do retorno à escola pública, onde tinha iniciado minha vida profissional: era preciso, depois de quase 40 anos de vida universitária, reviver o cotidiano e a realidade da escola pública, das salas de aula, das práticas de alfabetização. (SOARES, 2018, p. 11).

E logo após continua relatando sua trajetória profissional como voluntária, contribuindo com a educação de instituições públicas. E é por isso, que suas ideias se difundiram mundialmente, ao persistir nos problemas e controvérsias em torno dos métodos de alfabetização que demandam reflexões profundas sobre o tema.

Nesta obra, a autora apresenta a articulação de seus vários estudos e pesquisas acerca da alfabetização, sua trajetória de muita reflexão entre as paredes de sua biblioteca, sobre a aprendizagem e o ensino da língua escrita, concomitantemente, com a vivência dessa aprendizagem e ensino entre as paredes de escolas públicas, em que teorias e resultado de pesquisa foram e têm sido confrontados com práticas de professores e crianças em contextos reais.

Ainda, essa autora esclarece a questão dos métodos, incluso no título da obra, “[...] entende por *método de alfabetização* um conjunto de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, orientem a *aprendizagem inicial da leitura e da escrita*, que é o que comumente se denomina *alfabetização*.” (SOARES, 2018, p. 16).

Dessa forma pode-se concluir, segundo a autora, que se o método é o caminho em direção à criança alfabetizada, e se para trilhar um caminho, é necessário conhecer seu curso, seus meandros, as dificuldades que se interpõem, os alfabetizadores dependem do conhecimento dos caminhos da criança, dos processos cognitivos e linguísticos de desenvolvimento e aprendizagem da língua escrita, até para orientar seus próprios passos e

também os das crianças. Essa é a denominação “alfabetizar com método”, alfabetizar conhecendo e orientando com segurança o processo de alfabetização, o que se diferencia fundamentalmente de alfabetizar trilhando caminhos predeterminados por convencionais métodos de alfabetização.

E para finalizar esta revisão de literatura, traz no tópico seguinte, a análise de uma importante obra que articula plausivelmente com as autoras já referendadas, porém, trazendo uma mistura de pesquisadores jovens e experientes que dialogam sobre temas atuais, de sala de aula, com referências teóricas muito atuais com sugestões práticas para o trabalho em classe.

Coscarelli nas possibilidades digitais na escola da contemporaneidade

Na sociedade atual, as crianças parecem já nascer conectadas em mundo digital, imersas nos avanços tecnológicos que advém da globalização é comum encontrar crianças que chegam ao primeiro ano de escolarização já clicando, teclando, acessando, enviando, anexando, fotografando e muitas vezes, a escola não tem projetado um olhar diferenciado a este público, e nem buscado uma nova organização do trabalho didático que atenda com maior especificidade estes alunos que requerem novas técnicas de ensino e aprendizagem. Não que tenham que mudar o conteúdo, as culturas das brincadeiras, do lúdico, mas sim da forma com que se desenvolve esse processo.

E nesta concepção, Coscarelli (2016) esclarece, em seus dez capítulos que organizou na coletânea “Tecnologias para aprender”, conceitos fundamentais para o entendimento das práticas de leitura e escrita do mundo digital que chega desde muito cedo aos alunos.

Coscarelli, professora e pesquisadora da Universidade Federal de Minas Gerais, reuniu um time de especialistas nesta coletânea de trabalhos bem sucedidos, com relatos interessantes. Nestes capítulos, de autoria de professores/pesquisadores traz estudos e discussões que dialogam e experimentam as possibilidades digitais que todos têm nos dias de atuais, seja na escola ou fora dela.

Alguns temas que se encontram nos textos e que podem ajudar o leitor a rever e a aplicar conhecimentos teóricos e práticos, a contexto de aprendizagem, sobretudo em sala de aula, são: desafios, possibilidades, leitura, escrita, imagens, saltos de aprendizagem, interfaces, dispositivos, experiências de interação, cidadania, formação de professores, consumo crítico, sala de aula, infância, processos editoriais, colaboração e jogos.

Seria interessante escrever aqui, a análise de cada capítulo, pois todos sem exceção são percorridos, assuntos articulados entre si e que contribui para compreender os alunos inseridos neste ambiente cibercultural, que exige emergência na transformação dos métodos de ensino, porém, encerro ressaltando o texto de Ribeiro in Coscarelli (2016) no capítulo 10: “Jogos online no ensino-aprendizagem da leitura e da escrita”, no qual a autora esboça possibilidades e alternativas para o trabalho docente com a formação de habilidades da leitura e escrita pela inserção dos jogos digitais online. Ela seleciona os jogos digitais online, analisa e observa-os na tentativa de compreender como os jogadores realizam a ação de jogar e quais conhecimentos podem adquirir com os jogos, oferecendo diretrizes e alternativas para o trabalho do professor, alçando os jogos digitais online como recurso de ensino e aprendizagem.

Considerações finais

Considerando as fontes analisadas, pode-se concluir que os estudos apresentados e analisados nesta revisão de literatura possibilitaram um aprofundamento e apropriação de conhecimentos necessários para desenvolver a pesquisa referida e ao mesmo tempo permitiu analisar diferentes concepções teóricas e perspectivas variadas de pensamento que trouxe reflexões importantes para entender a atual organização do trabalho didático na contemporaneidade.

Nas obras de Ferreira, Soares e Gontijo evidenciam uma preocupação e responsabilidade acerca da alfabetização, articulam e correlaciona o assunto abordado com muita riqueza nas teorias que muito contribui nas reflexões sobre a aprendizagem da leitura e escrita, como está sendo desenvolvida e como pode vir a ser a alfabetização com as novas técnicas de ensino, necessário e emergencial numa sociedade contemporânea, onde as tecnologias não são mais novidades, mas sim desafios a serem enfrentados não somente pela escola e professores, mas também pelos governantes, principais responsáveis nos investimentos educacionais das escolas públicas, que dentre os alunos inseridos, a maioria advém de classe de proletariado, de certa forma, excluídos desse mundo digital e que, no entanto, a escola deve propiciar um ambiente inovador com novas técnicas que tornam o ensino aprendizagem mais prazeroso, satisfatório e significativo, com ensino de qualidade.

Enfim, com a inserção das mídias na organização do trabalho didático na alfabetização, crianças tem a possibilidade de construir e reinventar suas aprendizagens com prazer porque é um recurso inerente ao seu momento histórico e social.

Referências

ALVES, Gilberto Luiz. **O trabalho didático na escola moderna**: formas históricas. Campinas: Autores Associados, 2005.

COSCARELLI, Carla Viana. **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **Alfabetização**: políticas mundiais e movimentos nacionais. Campinas, SP: Autores Associados, 2014. – (Coleção educação contemporânea)

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2018. 384 p.